

O racismo em movimento: conexões *possíveis entre Carolina Maria de* *Jesus e Flannery O'Connor*

Página |
175

Marco Castilho Felício⁶⁴
Universidade de Brasília (UnB)

Resumo

A escritora brasileira Carolina Maria de Jesus e a norte-americana Flannery O'Connor apresentam em suas obras uma profunda análise da composição social e da formação do espaço urbano em seus respectivos países, ressaltando sempre nestes processos as relações raciais a partir de sujeitos deslocados. O livro *Diário de Bitita* (2014) e o conto *O Gerânio* (2010) abordam, a partir de perspectivas sociais distintas, os sofrimentos e injustiças provocados pelo racismo. Carolina Maria de Jesus, negra e pobre, nascida na pequena cidade mineira de Sacramento, reconstrói suas memórias desde a infância, quando ainda era a pequena Bitita, até seus 33 anos, quando chega a São Paulo. Toda a narrativa situa-se neste período. Já Flannery O'Connor, branca e criada dentro de uma bem estruturada família da Geórgia, no sul dos Estados Unidos, traz para suas personagens a marca do racismo no imaginário do sujeito branco norte-americano. Apesar das diferenças entre os países das autoras, é possível identificar conexões entre os olhares dessas duas mulheres contemporâneas sobre temas como mobilidade social e branquitude na literatura, para além do racismo.

Palavras-chave

Carolina Maria de Jesus. Flannery O'Connor. Relações raciais. Deslocamento.

Pelas marginais os pretos agem como reis

⁶⁴ Graduado em História e mestre em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Pesquisador do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

Gostar de nós, tanto faz, tanto fez
Me degradar pra agradar vocês? Nunca.
(Racionais MC's – Cores & Valores)

Introdução

Página |
176

Em uma olhada superficial, pouco se poderia dizer sobre possíveis paralelos na vida e obra de Carolina Maria de Jesus e Flannery O'Connor. Mas, além do fato de serem escritoras contemporâneas nascidas e criadas no espaço rural – o Triângulo Mineiro⁶⁵ e o estado da Geórgia (EUA), respectivamente – ambas trataram com agudez as questões raciais e o racismo dentro de suas obras.

Diário de Bitita (2014), livro de Carolina Maria de Jesus, e *O Gerânio* (2010), conto de Flannery O'Connor⁶⁶, trazem as angústias do sujeito deslocado, que não encontra ou perde seu lugar de pertencimento. No caso de Bitita, personagem criada a partir da reconstrução das próprias memórias de Carolina Maria de Jesus, as situações de racismo sofridas por ela são frequentemente a causa de seu deslocamento. Já no caso do Velho Dudley, personagem central em *O Gerânio*, o racismo emerge do olhar e atitudes que ele mantém com as pessoas negras que estão dentro de seu convívio. Tanto Bitita quanto Velho Dudley trazem consigo as marcas de duas sociedades forjadas na escravidão.

Importante ressaltar que racismo será entendido enquanto prática sistêmica, que opera na

tentativa de estigmatizar a diferença com o propósito de justificar vantagens injustas ou abusos de poder, sejam eles de natureza econômica, política, cultural ou psicológica. Embora membros de todos os grupos possam ter opiniões racistas – não há imunidade genética nesses casos – não é todo grupo que detém o poder necessário para praticar o racismo, ou seja, para traduzir uma atitude preconceituosa em opressão social” (SHOAT & STAM, 2006, p. 51).

A trajetória de Bitita, desde sua infância na pequena cidade de Sacramento, Minas Gerais, até as vésperas de sua ida para São Paulo, já com 33 anos, desvela uma série de mecanismos de exclusão social. Mulher, negra e pobre, Bitita vivenciou e sentiu na pele o que é estar no lado desfavorecido do cruzamento raça-gênero-classe, o tripé estruturante de nossa sociedade.

Bem mais ao norte no mapa, Flannery O'Connor, cuja produção literária situa-se basicamente entre as décadas de 1950 e 1960, também presenciou e trouxe para seus textos as

⁶⁵ Mesorregião do estado de Minas Gerais.

⁶⁶ Os escritos de *Diário de Bitita* são de 1955, mas sua primeira publicação é de 1982, na França, ainda com o nome *Journal de Bitita*. Já *O Gerânio* é publicado pela primeira vez em 1946.

transformações no quadro social dos Estados Unidos, com foco no aspecto racial. Pode-se dizer que no contexto histórico da autora houve a convergência de quatro elementos caros à organização da sociedade norte-americana: 1) crise das tradições derivadas do escravismo, fortemente presentes nos estados do sul dos Estados Unidos; 2) surgimento dos guetos proletários nas grandes cidades do norte, e posterior formação dos guetos negros; 3) esgotamento do sistema Jim Crow⁶⁷, forçado em grande medida pelas 4) intensificações das manifestações por direitos civis e pelo protagonismo social negro.

O conto *O Gerânio* reflete universos em crise que surgem nas memórias trazidas pelo Velho Dudley, homem branco originário do estado da Geórgia, que vai para Nova Iorque viver com a filha. Velho Dudley se vê completamente desorientado na cidade grande, onde as marcas de status e distinção racial são, aparentemente, diluídas.

Carolina Maria de Jesus e Flannery O'Connor apresentam personagens deslocados, mas não no sentido de serem “flâneurs”. Ao contrário, a relação das personagens com o espaço é marcada pela imposição de certas necessidades: a busca por dignidade e pertencimento, o trabalho, o compromisso familiar.

Desde sua infância, Bitita esteve em constante mudança, em todos os sentidos. Durante sua infância e adolescência, sua saída de Sacramento para viver nas fazendas vizinhas à cidade foi condicionada à busca de trabalho por sua mãe. Mais tarde, é a própria Bitita quem sai de sua cidade natal, não somente motivada por melhores condições de trabalho, mas sobretudo por buscar um lugar digno, diferente daqueles por onde ela passa, onde os homens bebem e agredem mulheres, onde a autoridade é desumana, onde quase todas as pessoas de seu convívio são analfabetas. Bitita é, antes de tudo, uma inconformada. Compreende muito cedo o processo histórico de exclusão do negro – e em particular, da mulher negra – e como ela própria se situa neste processo.

De outra forma, o Velho Dudley é o sulista branco que, ao migrar para Nova Iorque, assiste pelo olho mágico da porta ou pela janela do apartamento onde vive, toda estrutura social racista que lhe amparava na Geórgia ruir. O deslocamento do Velho Dudley provoca nele a perda de seus referenciais sociais.

O deslocamento forma as personagens como forma o próprio espaço, que por sua vez é composto por sujeitos e suas práticas. Todo espaço reflete as hierarquias sociais nele exercidas (DALCASTAGNÈ, 2015) e suas relações de poder, seja o rio no qual pescavam Velho Dudley e Rabie ou o próprio Triângulo Mineiro, por onde Bitita circulou

⁶⁷ Corpo de leis que institucionalizaram a segregação racial no sul dos Estados Unidos, determinando, por exemplo, que serviços públicos como educação e transporte fossem separados para brancos e negros.

incessantemente. Assim, as personagens de *Diário de Bitita* e *O Gerânio* serão encarados como indícios⁶⁸ de duas sociedades profundamente racializadas e excludentes.

Bitita: desde cedo, a não conformidade

Bitita nasceu incomodando. Tinha uma necessidade insaciável de questionar. Questionava tudo e todos, sem concessão. A família, a escola, as autoridades. Já na infância, procurou entender que a precariedade material de sua vida, do seu nascimento em 1914 até sua partida para São Paulo em 1947, estava ligada à sua condição de raça e gênero, e entendeu que não era por acaso. Havia, como ainda há, um processo histórico de exclusão do negro, intimamente ligado à escravidão (mas não somente) e à forma como se deu seu fim, e cujo desamparo de Bitita, que transparece ao longo da narrativa, certamente é uma de suas expressões.

O contexto de Bitita era sobretudo violento. Violência no sentido concreto e simbólico. Um dos trechos sobre sua infância é revelador:

Se o filho do patrão espancasse o filho da cozinheira, ela não podia reclamar para não perder o emprego. Mas se a cozinheira tinha filha, pobre negrinha. O filho da patroa a utilizaria para seu noviciado sexual. Meninas que ainda estavam pensando nas bonecas, nas cirandas e cirandinhas eram brutalizadas pelos filhos do senhor Pereira, Moreira, Oliveira, e outros porqueiras que vieram do além-mar. (JESUS, 2014, p. 38)

O lugar da mulher negra e pobre, numa região arraigadamente patriarcal e racista, aparece aqui muito claramente.

É importante ressaltar que as décadas de 1910 e 1920 – a infância e início da adolescência de Carolina Maria de Jesus – foram marcadas pelas teorias do chamado “racismo científico” e pela imigração europeia para o Brasil, estimulada como forma de embranquecimento e “purificação racial” da população brasileira. Portanto Bitita, além de herdeira da escravidão (seu avô era um liberto), também se deparou com formas atualizadas de discriminação e com a franca adesão da recém criada República a um projeto de diluição de sua população negra. Para a pesquisadora Luciana Jaccoud,

Efetivamente, a República não foi capaz de promover ações em defesa da ampliação das oportunidades da população negra. A formulação e consolidação da ideologia racista ocorrida nesse período permitiu a naturalização das desigualdades raciais que foram, assim, reafirmadas, em um novo ambiente político e jurídico. Não mais

⁶⁸ “Indício” será entendido segundo o *paradigma indiciário* trabalhado por Carlo Ginzburg, no qual os elementos individuais ou os “pormenores mais negligenciáveis” podem apontar caminhos para remontar um contexto ou um quadro geral de coisas, auxiliando o pesquisador na formulação de seu questionário.

separadas pelo direito de propriedade, pela história, religião ou cultura, as raças se separariam por desigualdades naturais. (JACCOUD, 2008, p. 48)

A trajetória da personagem Bitita remonta de maneira sintética a trajetória da raça negra. Ao longo do século XIX, principalmente nas décadas de 1870 e 1880, a questão “o que fazer com o negro?” foi uma constante entre as elites políticas e econômicas. A esta questão estava ligada uma outra: como fazer uma nação com ares europeus diante de uma gigantesca população negra, composta por escravos, libertos e seus descendentes? A resposta seria dada numa mistura de temor, coação e tentativa de homogeneização étnica, que podem ser observados já em 1837 no discurso de Frederico Leopoldo Cezar Burlamaque:

Convirá que fique no país uma tão grande população de libertos, de raça tão absolutamente diversa da que a dominou? Não haverá grandes perigos a temer para o futuro, se as antigas tiranias forem recordadas, se os libertos preferirem gente da sua raça a qualquer outra, como é natural? Poderá prosperar e mesmo existir uma nação composta de raças estranhas e que de nenhuma sorte podem ter ligação? (BURLAMAQUE apud AZEVEDO, 2004, P. 36)

A saída encontrada veio no estímulo à imigração europeia, praticado em São Paulo desde 1840 (AZEVEDO, 2008, p. 51). Por trás da suposta afinidade dos europeus ao trabalho livre, justificativa envergonhada para a imigração, operou-se uma política de branqueamento da população, cujo suporte ideológico é explicitado no pensamento de Sylvio Romero:

A minha tese, pois, é que a vitória na luta pela vida, entre nós, pertencerá, no porvir ao branco. Pela seleção natural, todavia, depois de prestado o auxílio de que necessita, o tipo branco irá tomando a preponderância até mostrar-se puro e belo como no velho mundo. Será quando já estiver de todo aclimatado no continente. Dois fatos contribuirão largamente para tal resultado: de um lado a extinção do tráfico africano e o desaparecimento constante de índios, e de outro a imigração europeia. (ROMERO apud AZEVEDO, 2004, p 60-61)

Sob o ponto de vista prático, é válido relembrar que em 1884 o estado de São Paulo aprova a Lei nº 28, que autorizava o governo estadual a financiar a imigração de trabalhadores europeus e suas famílias. Em 1890, portanto já no período republicano, o governo de Deodoro da Fonseca lançou o Decreto nº 528, que em seu artigo 1º diz:

Art. 1º E' inteiramente livre a entrada, nos portos da Republica, dos individuos válidos e aptos para o trabalho, que não se acharem sujeitos á acção criminal do seu paiz, exceptuados os indigenas da Asia, ou da Africa que sómente mediante autorização do Congresso Nacional poderão ser admitidos de accordo com as condições que forem então estipuladas⁶⁹.

⁶⁹ Retirado de <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-528-28-junho-1890-506935-publicacaooriginal-1-pe.html> Acessado em 26/07/2016.

Ainda, pensando já nas primeiras décadas do século XX, quando consolida-se a perspectiva de branqueamento da população entre as elites, temos como resultado, nos anos de 1920, projetos de lei que visavam obstar a imigração de “indivíduos de cor preta”. Getúlio Vargas, já em 1945, fundamentava a imigração europeia pela “necessidade de preservar e desenvolver, na composição étnica da população, as características básicas mais desejáveis de sua ascendência” (JACCOUD, 2008, p. 50)

Fazendo um cruzamento entre realidade e ficção, o recado do Estado à Bitita não poderia ser mais claro: ela era indesejada. Sua precária tábua de salvação foi alfabetizar-se. Embora não houvesse em sua família outra pessoa que soubesse ler e escrever – o que dificulta muito o aprendizado escolar, em termos de capital cultural – Bitita logo percebeu a importância em se alfabetizar, dada sobretudo pela demanda coletiva e do status atribuído ao leitor. Neste sentido, duas pessoas foram importantes em sua infância: a pequena Isolina, menina também negra que lia as receitas para as demais mulheres e por isso era frequentemente requisitada – “Se ela é preta e aprendeu, por que é que eu não hei de aprender?” (JESUS, 2014, p 46) - e o senhor Manoel Nogueira, que lia as notícias dos jornais para os outros, inclusive para o avô de Bitita, e em suas leituras aproveitava para falar sobre Rui Barbosa, José do Patrocínio e Castro Alves, nomes que estavam ligados ao abolicionismo no século XIX. A leitura e a vivência destes momentos foram fundamentais para que Bitita compreendesse a lógica que a mantinha num lugar desprivilegiado da hierarquia social e, contudo, não se submeter à ela.

Dois fatos marcaram sua relação com a cidade de Sacramento. O primeiro, quando confrontou Humbertinho, rapaz branco, ex-militar e filho do juiz, que valia-se de sua condição para abusar as meninas da cidade. Um certo dia, Bitita foi agredida por ele. Humbertinho atirou laranjas nela, machucando-a. Mas, ao contrário de recuar, Bitita confrontou-o. Da discussão participou também “Dr. Brand”, pai de Humbertinho, que ameaçou recolhê-la. A primeira reação de Bitita é de resistência:

Doutor Brand: - Cale a boca. Eu posso te internar.

Bitita: - Para o seu filho fazer porcaria em mim, como faz com as meninas que o senhor recolhe? É melhor ir para o inferno do que ir para a sua casa. (JESUS, 2014, p. 32)

Na sequência do episódio, o argumento utilizado por Bitita em sua defesa mostra uma enorme perspicácia:

O Rui Barbosa falou que os brancos não devem roubar, não devem matar. Não devem prevalecer porque é o branco quem predomina. A chave do mundo está nas mãos dos brancos, o branco tem que ser superior para dar o exemplo. O branco tem

que ser semelhante ao maestro na orquestra. O branco tem que andar na linha. (JESUS, 2014, p. 33)

Como resultado, o juiz resolve sair da cidade, humilhado. Bitita deixa bem claro para toda a população que o juiz não segue os valores sociais que o próprio deveria obedecer. Ela utiliza o prolapado discurso da naturalização e internalização da hierarquia social no negro, tão difundido na primeira metade do século XIX (AZEVEDO, 2008) contra a própria estrutura racista vigente, para a qual o discurso deveria servir. Bitita, ao utilizar um discurso que aparentemente a subordina, submeteu o próprio juiz. Ela inverteu a lógica social, fazendo o “feitiço virar contra o feiticeiro”.

O segundo fato é sua saída definitiva de Sacramento. Depois de muitas idas e vindas, percorrendo municípios do Triângulo Mineiro e norte do estado de São Paulo, a procura de trabalho e assistência médica, Bitita desenvolve uma lesão aguda nas pernas, o que a faz retornar para sua cidade natal para repousar. Neste momento, ela é presa juntamente com sua mãe, sob acusação de bruxaria por portar o livro de São Cipriano, cujo conteúdo estaria relacionado à feitiçaria. Mas o livro era *Os Lusíadas*, de Camões. Bitita e sua mãe foram vítimas de uma dupla ignorância por parte de seus acusadores: eles encarceraram as duas sem saberem do que se tratava o livro. Depois de cinco dias presas e sofrendo torturas (espancamentos, privação de alimento e agressões verbais), foram libertadas por um primo que pagou a fiança. Com o estigma causado pelo acontecimento – os “pais de família” proibiram o contato de suas filhas com Bitita – a permanência na cidade torna-se insuportável.

De acordo com Parry Scott (2011), em suas pesquisas sobre migração, mobilidade e relações de gênero, alguns aspectos são indispensáveis para se pensar a mobilidade e suas motivações, dentre as quais se destacam a busca por autonomia individual e solidarização coletiva, sendo a primeira relacionada a “ganhar o mundo” e a segunda referente à inserção em redes sociais que possibilitem novas perspectivas, ambas dimensões importantes na construção da autonomia das mulheres. Dentro desta busca, considera-se ainda as situações de vulnerabilidade, a violência e o risco de sua reincidência. Para a pesquisadora,

A agência dos atores nestes dramas sociais foge de caracterizações simplificadoras. São os próprios atores que entendem os múltiplos fatores em jogo no desenrolar das situações em que se encontram. Não é raro que uma situação de vulnerabilidade, dentro dos limites permitidos, consiga ser invertida por atores astuciosos ao combaterem os efeitos da subordinação aos quais estão sendo sujeitos. (SCOTT, 2011, p. 49)

Bitita, tinha lucidez sobre o histórico de relações raciais que pesavam sobre ela. Além disso, tinha clareza sobre a subalternidade dos empregos que conseguia – como babá,

doméstica ou cozinheira – e sobre a ilusão que a permanência neles criava. Eram armadilhas em sua busca por autonomia. Como Bitita bem sabia, essa só seria conquistada por meio de sua instrução.

Os constantes pensamentos de Bitita sobre ser uma dessas “folhas espalhadas ao vento” (JESUS, 2014, p. 61) ou uma estrangeira em seu próprio país (JESUS, 2014, p. 204) tinham razões bastante concretas. Ainda assim, com todas as dificuldades, conseguiu concretizar seu desejo de ir para São Paulo, lugar para onde projetava suas maiores esperanças.

Flannery O’Connor: a humanidade por trás do racista

Quando o conto *O Gerânio* foi publicado pela primeira vez, em 1946, Flannery O’Connor era uma jovem de 21 anos. Os Estados Unidos como um todo, e os estados do sul em particular, estavam passando por profundas transformações econômicas, políticas e sociais. Depois de praticamente 250 anos de escravidão (1619-1865) e 100 anos de vigência do regime Jim Crow (1865-1965), o país estava racialmente partido. O racismo deixou sequelas e firmou raízes nas relações sociais norte-americanas.

O contexto de Flannery O’Connor é exatamente o início da derrocada do sistema Jim Crow, associado ainda às grandes levadas migratórias do sul para o norte dos Estados Unidos, que formaram os bairros proletários e posteriormente os guetos negros em cidades como Nova Iorque e Chicago⁷⁰. Estes elementos ressaltam na obra da autora, especialmente em *O Gerânio*.

Tendo as tradições sulistas como referência, uma questão que orienta Flannery O’Connor é conflitar os valores característicos dos sulistas brancos, inserindo-os em situações contraditórias e, com este recurso, provocar o colapso desta estrutura social (WEINSHILBOUM, 2009), gerando o sentimento de estranheza em suas personagens.

É o caso do Velho Dudley. Em Nova Iorque – “elegante e agitada num instante, suja e mortiça no seguinte” (O’CONNOR, 2010, p. 11) – ele sente constantemente um “nó na garganta”. O espaço urbano é, em sua perspectiva, algo amorfo, sem identidade. Os prédios são todos iguais, com corredores que parecem canis, assim como as ruas.

Mas o que o deixa atônito é o fluxo humano da cidade, o deslocar das pessoas em suas rotinas:

⁷⁰ Para uma análise sobre os processos de formação dos guetos nas grandes cidades do norte dos Estados Unidos, ver Loïc Wacquant (2002 e 2008).

Saía a ferver dos comboios um mar de gente subia as escadarias e escoava para a rua. Outra gente havia que vinha a correr da rua pelas escadas abaixo e entrava nos comboios – pretos e brancos e amarelos, todos misturados como legumes na sopa. Tudo ali fervilhava. [Velho Dudley] ficou com a sensação de que a língua lhe escorregara para dentro do estômago. (O’CONNOR, 2010, p. 14-15)

Além dos metrô, onde havia um contato multiétnico nos vagões e nas plataformas de espera, seu novo vizinho de porta é negro. De repente, aquilo que o sistema Jim Crow assegurava – a segregação racial – parece não valer no norte. Para o sociólogo Loïc Wacquant, no entanto,

As atitudes de animosidade racial por parte dos brancos, que exigiam a exclusão dos negros das áreas residenciais brancas, foram fator básico responsável pela criação e expansão dos guetos. A dupla rejeição baseada na classe e raça, por parte da sociedade branca dominada pelas classes médias, aparece como causa original da degradação das moradias, do desemprego astronômico, da instabilidade familiar e da insegurança endêmica, econômica e física, que infestam e caracterizam o gueto como sistema social e constelação psicoemocional. (WACQUANT, 2008, p. 70)

Diante desta avaliação, a constituição do espaço urbano e das relações sociais por Flannery O’Connor em *O Gerânio* poderia parecer uma ingenuidade⁷¹. Contudo, o cenário vivenciado pelo Velho Dudley em Nova Iorque é um artifício da autora para criar uma atmosfera de estranhamento. (WEINSHILBOUM, 2009, p. 13)

Considerando a relação entre o Velho Dudley e seu vizinho negro, seria plausível pensar que, conforme a linha assimilacionista vigente no meio acadêmico norte-americano, a partir da década de 1920, a integração do negro à moderna sociedade industrial seria apenas uma questão de tempo. Os negros, assim como outras minorias étnicas que migraram para os Estados Unidos, deveriam passar pelos estágios de contato, competição, acomodação e assimilação, quando então estariam incorporados à uma cultura dominante (branca). Este processo teria dois condicionantes: o abandono de manifestações discriminatórias pelo grupo branco e a adoção de “normas culturais apropriadas” pelos negros. (GONZALEZ & HASENBALG, 1982, p. 72).

Certos elementos da narrativa poderiam nos indicar este caminho. Ora, o vizinho negro – este sujeito sem nome, sem muitos elementos que nos permitam situar melhor sua trajetória – tem hábitos e uma conduta extremamente polida, que a princípio poderiam ser alinhadas a uma “norma cultural apropriada”. Anda trajado impecavelmente, com camisas

⁷¹ A própria Flannery O’Connor, quando muda-se para Iowa para realizar seus estudos acadêmicos, presencia um motorista de ônibus hostilizar os passageiros negros, mandando-os sentar ao fundo, reservando as cadeiras da frente para os passageiros brancos. Tal fato fez com que a autora, então com 22 anos, posicionasse-se contra a segregação, apesar dos conselhos de sua mãe de que relações inter-raciais pudessem ser “perigosas”. (WEINSHILBOUM, 2009).

engomadas e “sapatos castanhos e lustrosos” (O’CONNOR, 2010, p. 17). Quando o Velho Dudley cai nas escadas do prédio, é o vizinho negro quem vai ajudá-lo. Ainda, a filha do Velho Dudley, embora não queira manter qualquer relação com seu vizinho negro, tolera a vizinhança.

Flannery O’Connor, no entanto, não adere a uma perspectiva assimilacionista. Velho Dudley não parece rever suas posições racistas em nenhum momento. A questão para ele não é simplesmente ser vizinho de um negro. Sua questão é ser vizinho de um negro *que ocupa uma mesma posição na hierarquia social*. Seu problema é a igualdade.

Diferentemente de Rabie, personagem negro que acompanhava o Velho Dudley em suas caças ainda na Geórgia e que age como um serviçal, sempre disposto a atender as ordens, mesmo contra sua vontade, o vizinho negro de Nova Iorque dirige-se ao Velho Dudley como “velhote”⁷², não demonstra nenhum tipo de atitude subserviente e fala sobre armas com naturalidade.

Uma outra comparação entre Rabie e o vizinho de Nova Iorque pode ser feita. Rabie e sua esposa Lutish viviam na mesma casa que o Velho Dudley. Mas enquanto o casal habitava o porão, o Velho Dudley ocupava o andar superior. Em Nova Iorque, o negro é seu vizinho, encontra-se no mesmo patamar e ocupa um imóvel do mesmo padrão. Com este jogo metafórico, Flannery O’Connor desloca o Velho Dudley não só espacialmente, mas sobretudo simbolicamente. Cada tentativa do Velho Dudley em lidar ou situar o norte de acordo com seus valores do sul é frustrada. Os negros agora parecem não mais obedecer a hierarquia racial enrijecida pelas leis Jim Crow e não adianta tentar explicar o vizinho como se ele fosse Rabie. O próprio gerânio, que no sul era cuidado com tanto zelo, em Nova Iorque é um enfeite sem qualquer significado especial, tratado por um outro vizinho rude que não dá muita importância para a flor. As ilusões do Velho Dudley terminam como o gerânio, desenraizado e jogado em via pública.

Mais do que se preocupar em nos identificar com um racista, Flannery O’Connor cria um cenário um tanto distante dos rumos que a organização do espaço urbano nos Estados Unidos estava tomando, mas capaz de revelar as profundas transformações pelas quais o país estava passando, principalmente no que diz respeito às relações raciais.

Considerações finais

⁷² No original, “old-timer”, expressão com carga depreciativa.

Carolina Maria de Jesus e Flannery O'Connor foram contemporâneas que abordaram em suas obras uma mesma temática: as relações raciais a partir de personagens deslocados/em deslocamento, da área rural para a área urbana. Tal aspecto fornece uma dimensão muito particular em termos de *perspectiva social* que, conforme anunciado por Iris Marion Young, considera que “pessoas diferentemente posicionadas têm diferentes experiências, histórias e compreensões sociais, derivadas daquele posicionamento”. (YOUNG, 2006, p.162)

Esta conceituação nos permite pensar não só a respeito da multiplicidade de vozes que repercutem (ou se silenciam) na literatura, mas também em como estas vozes traduzem uma dada organização social, uma vez que diferentes segmentos sociais imprimirão em seus textos as marcas que definem suas identidades, refletindo assim diversas formas de expressar o mundo. (DALCASTAGNÈ, 2014)

A este respeito, Carolina Maria de Jesus e Bitita representam uma ruptura com uma literatura que consagrou majoritariamente autores e personagens brancos⁷³. Além disso, Bitita distancia-se em muito dos estereótipos que recaem sobre a mulher negra, frequentemente relacionados à lascívia. Suas atitudes, voluntariamente ou não, estão sempre ligadas a uma postura afirmativa. Nos diferentes lugares onde esteve, Bitita nunca se acomodou em posições subalternas.

Se considerarmos então que Carolina Maria de Jesus contribuiu enormemente para colocar o negro numa posição mais digna na literatura, Flannery O'Connor parece contribuir com a autora brasileira, mas de um outro lugar. Seu foco em *O Gerânio* é a desnaturalização do “ser branco”, ao confrontá-lo dentro de uma situação adversa na qual seus códigos sociais perdem o sentido. O deslocamento do Velho Dudley significa também a expressão de uma sociedade racialmente desigual. Para Regina Dalcastagnè (2007, p. 19), o autor, ao trabalhar com representações sociais, poderá

(a) incorporar essas representações, reproduzindo-as de maneira acrítica; (b) descrever essas representações, com o intuito de evidenciar seu caráter social, ou seja, de construção; (c) colocar essas representações em choque diante de nossos olhos, exigindo o nosso posicionamento – mostrando que nossa adesão, ou nossa recusa, que nossa reação diante dessas representações nos *implica*, uma vez que fala sobre o modo como vemos o mundo, e nos vemos nele, sobre como se dá nossa intervenção na realidade, e as consequências de nossos atos.

As duas autoras, a partir de suas leituras e vivências, traçaram um panorama crítico para suas sociedades. Entenderam que as diferenças entre negros e brancos, campo e cidade, eram resultado de relações sociais específicas, e portanto mutáveis. Tanto *Diário de Bitita* quanto *O Gerânio* referem-se à transformação, à

⁷³ Sobre definição racial de autores e personagens na literatura brasileira, ver Dalcastagnè (2008).

mudança. Ascendente, no caso de Bitita (e do vizinho negro), e decadente no caso do Velho Dudley. A literatura, pensada a partir dos deslocados, nos serve como fornecedor de novas perspectivas, desnaturalizando relações de desigualdade.

Num outro sentido, a literatura nos fornece indícios que nos apontam caminhos possíveis para compreensão de determinadas manifestações ou contextos sociais. No caso das duas obras analisadas, nas relações travadas pelas personagens deslocadas, o tema racismo surge como ponto mais aparente e genérico. Mas a partir dele, é possível se chegar a discussões mais específicas.

Em *Diário de Bitita* há elementos que abordam, por exemplo, o acesso e permanência da população negra ao espaço escolar. Ou ainda, branqueamento e branquitude no Brasil, na medida em que são questões que surgem na trajetória de Bitita.

Em *O Gerânio*, por sua vez, é possível se chegar a temas como mobilidade social, tanto do Sul para o Norte dos Estados Unidos, quanto dentro do espaço urbano em si, com viés racial. Também ao efeito das manifestações negras pelo fim do segregacionismo⁷⁴.

Ainda, um ponto de convergência entre as obras das duas autoras é o fato de colocarem também o branco como foco do racismo, não só restringindo o assunto à uma “questão negra”, ou ainda, omitindo-o em detrimento de uma “questão de classe”. Como observa Maria Aparecida Silva Bento (2002, p. 27) “evitar focalizar o branco é evitar discutir as diferentes dimensões do privilégio. Mesmo em situação de pobreza, o branco tem o privilégio simbólico da brancura, o que não é pouca coisa”. A tradução deste aspecto para a literatura talvez seja o principal elo entre Carolina Maria de Jesus e Flannery O’Connor.

Referências

AZEVEDO, C. M. M. de. **Onda negra, medo branco: o negro no imaginário das elites do século XIX**. 3ª Edição. São Paulo: Annablume, 2004.

BENTO, M. A. S. Branqueamento e branquitude no Brasil. (In): BENTO, M. A. S.; CARONE, I. **Psicologia Social do Racismo**. 2ª Edição. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

DALCASTAGNÈ, R. A auto-representação de grupos marginalizados: tensões e estratégias na narrativa contemporânea. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 42, n. 4, p. 18-31, dez. 2007.

_____. A cidade como escrita possível. (In): AZEVEDO, L.; DALCASTAGNÈ, R. (orgs.) **Espaços Possíveis na Literatura Brasileira Contemporânea**. Porto Alegre: Zouk, 2015.

⁷⁴ Foram muitas as manifestações negras nos Estados Unidos neste período. Uma das mais notórias foi a de Rosa Parks, que em 1955 se recusou a obedecer a legislação que obrigava passageiros negros a cederem seus lugares para passageiros brancos.

_____. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 31. Brasília, janeiro-junho de 2008, pp. 87-110.

_____. Para não ser trapo no mundo: as mulheres negras e a cidade na narrativa brasileira contemporânea. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n. 44. Brasília, jul./dez. 2014, p.289-302.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. Tradução: Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

GONZALEZ, L. e HASENBALG, C. **Lugar de negro**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1982.

JACCOUD, L. Racismo e República: O debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. (In): THEODORO, M. (Org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil 120 após a abolição**. Brasília: IPEA, 2008.

JESUS, C. M. de. **Diário de Bitita**. São Paulo: SESI-SP, 2014.

O'CONNOR, F. **O Gerânio - Contos Dispersos**. Trad. Luís Coimbra. Lisboa: Cavalo de Ferro, 2010.

SCOTT, P. Fluxos migratórios femininos, desigualdades, autonomização e violência. In: AREND, S. M. F.; RIAL, C. S. M.; PEDRO, J. M. (Orgs.). **Diásporas, mobilidades e migrações**. Florianópolis: Mulheres, 2011.

SHOHAT, E. & STAM, R. Estereótipo, realismo e luta por representação. (In): **Crítica da imagem eurocêntrica**. Trad. Marcos Soares. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

WACQUANT, L. **As duas faces do gueto**. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. Da escravidão ao encarceramento em massa: repensando a questão racial nos Estados Unidos. **New Left Review**, n. 13. London, jan./feb 2002, pp. 41-60.

WEINSHILBOUM, D. **Flannery O'Connor's uncanny vision of race and race relations**. Thesis – Master of Arts in English Literature. California State University, Sacramento, 2009.

YOUNG, I. M. Representação política, identidade e minorias. **Lua Nova**. São Paulo, 67. 2006, p. 139-160.

RACISM IN MOTION: POSSIBLE CONNECTIONS BETWEEN CAROLINA MARIA DE JESUS AND FLANNERY O'CONNOR

Abstract

The Brazilian writer Carolina Maria de Jesus and the American writer Flannery O'Connor present in their works a deep analysis of the social composition and the formation of the urban space in their respective countries, always emphasizing in these processes the racial relations from displaced subjects. The book *Diário de Bitita* and the short story *O Gerânio* approach, from different social perspectives, sufferings and injustices provoked by racism. Carolina Maria de Jesus, black and poor, born in the small mining town of Sacramento, rebuilds her memories from childhood, when she was still the little Bitita, until she was 33 years old when she arrived in São Paulo. The whole narrative is in this period. Flannery O'Connor, white and raised within a well-structured family in Georgia in the southern United States, brings to her characters the mark of racism on the imaginary of white American subjects. Despite the differences between their origin countries, it is possible to identify connections between the views of these two contemporary women on themes such as social mobility and whiteness in literature, in addition to racism.

Keywords

Carolina Maria de Jesus. Flannery O'Connor. Race relations. Displacement.

Recebido em: 03/06/2018
Aprovado em: 14/09/2018